

A presença do café na formação de São Paulo

imaginários, urbanização e historiografia.

Renata Geraissati Castro de Almeida. Colaboração Diogenes Sousa. Arte Eduardo Grigaitis



Diretora: Adriana Rizkallah

*Embarque de café no Porto de Santos.
Marc Ferrez.*

O

café é companheiro para todas as horas, energia que nos alimenta na correria do cotidiano. Essa bebida, presente na vida de quase todas as pessoas, tem também uma relação com o desenvolvimento econômico da capital paulista. A cultura do café, introduzida no Brasil no século XVIII, se difundiu pelo sudeste e sul do país, suscitando enorme riqueza e (re) criando hábitos e costumes.

A rubiácea inspirou o artista Cândido Portinari, que nasceu em 1903 e cresceu em uma fazenda de café no interior de São Paulo, na cidade de Brodósqui, a pintar mais de duzentas obras que têm como temática o cotidiano de um cafezal. Considerado sua obra-prima e premiado com menção honrosa na Exposição Internacional de Arte Moderna do Instituto Carnegie, em Nova Iorque, o quadro *Café* (1935), parte da coleção do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, retrata uma plantação composta por inúmeros trabalhadores concentrados em algumas das diferentes etapas de produção, como a colheita, processamento e empacotamento. São homens e mulheres sem fisionomias definidas, dificultando encontrar especificidades para identificá-los, provavelmente indicando que nesse grande contingente de trabalhadores todos eram anônimos e unidos em um trabalho coletivo de produção com uma estratificação típica do trabalho industrial.

Seus corpos são fortes com braços e pernas desproporcionais, expondo a força do trabalho e o corpo como elemento para a transformação socioeconômica, e remetem ao período que recebeu uma bolsa de estudos para estudar em Paris, momento em que absorveu o cubismo de Pablo Picasso. O conjunto também é marcado pelas repetições que demonstram as raízes do país no trabalho manual agrícola. No modernismo ganhavam força as composições voltadas a problemas de caráter nacional.

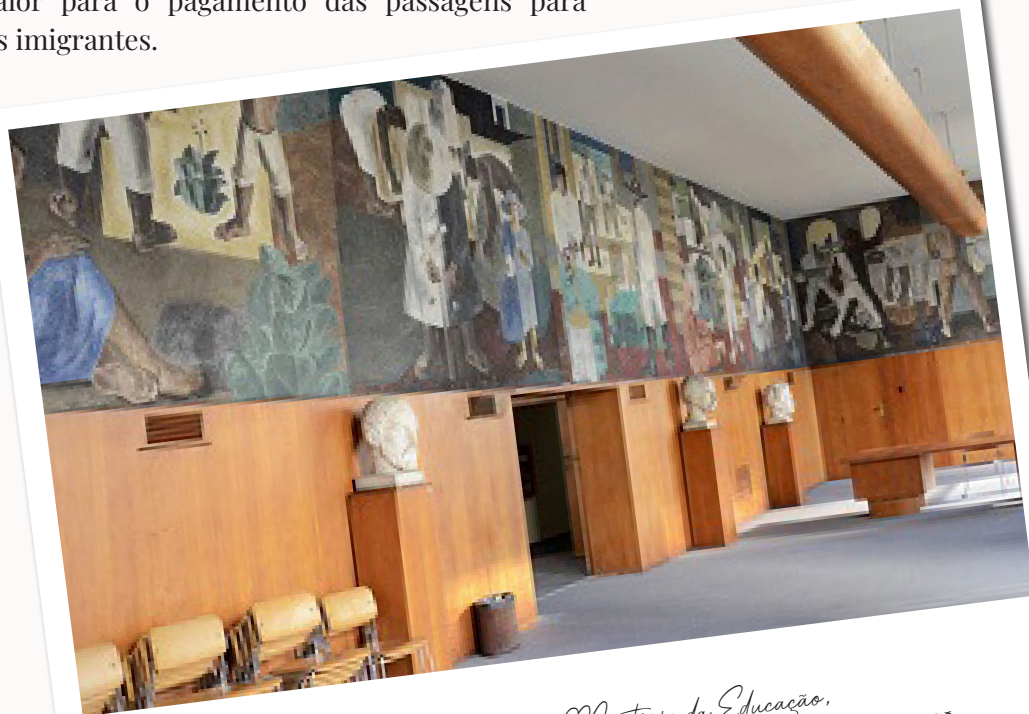


Café. 1935. Cândido Portinari



A projeção de seu trabalho viabilizou com que o governo do Estado Novo (1937-1945) lhe encomendasse em 1938 os painéis dos ciclos econômicos brasileiros para o edifício do Ministério da Educação e Saúde. O edifício cujos objetivos, segundo palavras do ministro Gustavo Capanema eram “a formação do homem brasileiro” (Téo, 2014) foi projetado por Lúcio Costa com a colaboração de Oscar Niemeyer, Carlos Leão, Jorge Machado Moreira, Affonso Eduardo Reidy e Ernani Vasconcellos e contou também com a consultoria de Le Corbusier.

Filho de imigrantes italianos, sua própria trajetória familiar nos remete ao contexto da abolição e ao incentivo à entrada de imigrantes. Paula Beiguelman, em sua tese de livre-docência, propõe que o processo de incentivo à imigração se deu concomitantemente à decadência da escravidão, pois antes da abolição foram criadas leis em São Paulo que fomentavam o ingresso de estrangeiros, a exemplo da Lei nº36 de 21 de fevereiro de 1881, que consignava um valor para o pagamento das passagens para os imigrantes.



Painéis de Portinari no antigo edifício do Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, retratam os ciclos econômicos brasileiros da década de 1930.

Reforçando a ideia de que os cafeicultores compreendiam a imigração como necessária para promover a diversificação da mão de obra, a autora enfatiza que a construção de uma hospedaria e o surgimento de uma Sociedade Promotora de Imigração em 1886 foram também parte desses esforços (2005, p. 64).

São Paulo estava inserida em um processo de mudança demográfica, colocando-se como um importante ponto de recepção de imigrantes, no fim do século XIX, os estrangeiros representavam uma porção significativa da população.

A inadaptação à lavoura ou atritos de diversas naturezas faziam com que muitos deixassem o campo e se dirigissem para a cidade, no intuito de procurar emprego e moradia nas vizinhanças das linhas das estradas de ferro. Entretanto, é importante salientar que também houve levas de imigrantes que já vinham trabalhar em funções comerciais urbanas sem passar pelo campo (GERAISSATI, 2018). Os lugares de fixação, quase sempre, eram localidades como o Brás, Pari, Bom Retiro, Mooca e Belenzinho.

O complexo fabril oriundo das ferrovias instaladas na cidade, embora trouxesse valorização à região, também acarretava problemas de circulação, abastecimento e adequação da população, moldando a utilização do espaço urbano entre aqueles que moravam em regiões privilegiadas e os que suportavam as precárias condições oferecidas pela vida urbana moderna (SOUSA, 2022).



Cândido Portinari foi o artista modernista que mais retratou o universo do café em centenas de obras com esta temática.

O início da produção de café no Brasil

Cultivado no início na região de Belém, o café chegou à capital da corte, o Rio de Janeiro. De lá se expandiu atingindo a província de São Paulo, onde se consolidou como base da economia brasileira nos meados do século XIX e primeiras décadas do XX.

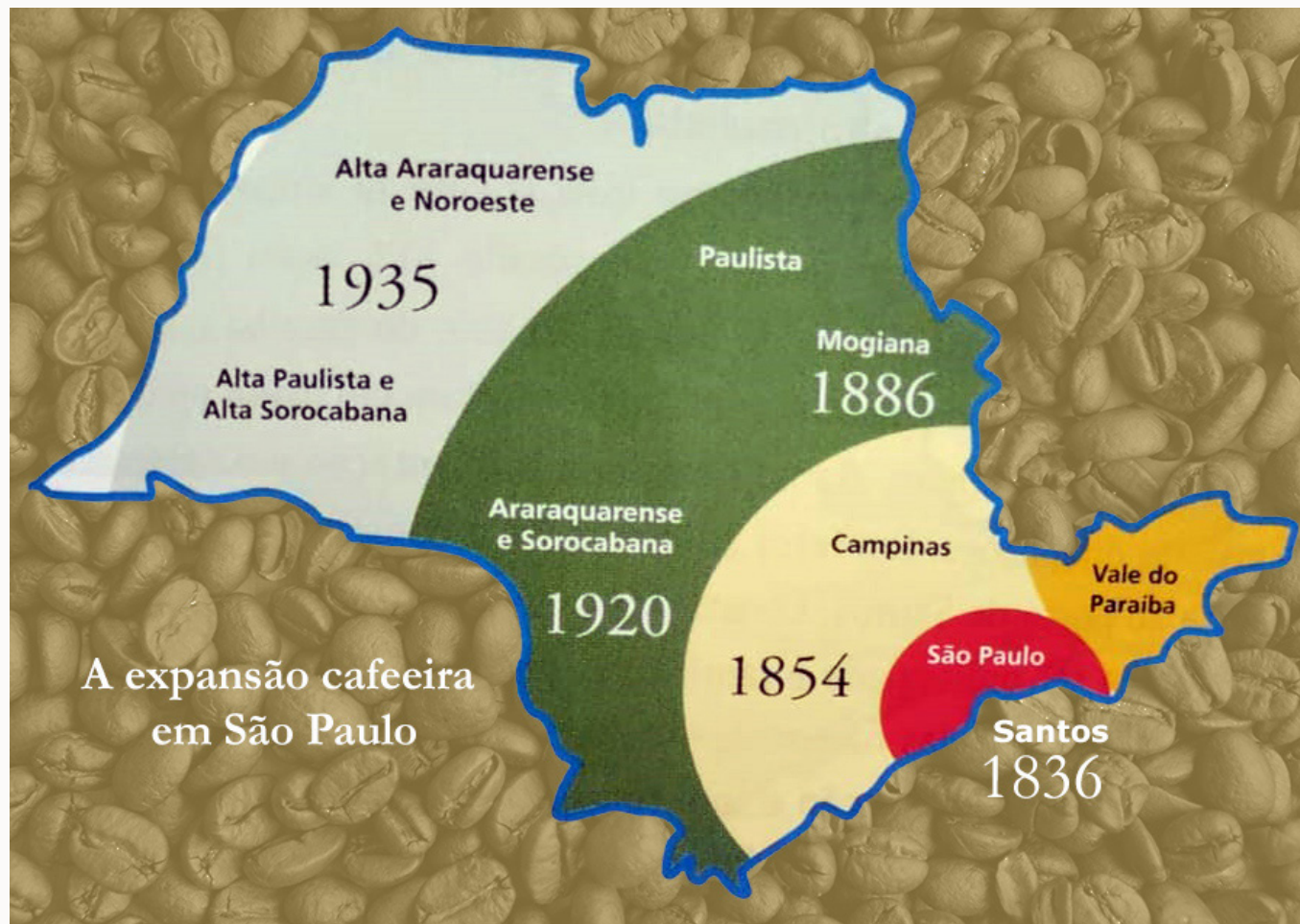
Em sua obra, Sérgio Milliet ressalta que a produção se iniciou no Vale do Paraíba, em fazendas no eixo Rio-São Paulo e a partir de 1854 passaram a ser o eixo de sua produção deslocado para as regiões de Campinas, Jundiaí e Sorocaba.

Adriano Botelho destaca que no início de 1870 ocorreram mudanças decisivas para o desenvolvimento de São Paulo, com uma transformação na relação entre terra e trabalho. Para o autor, foi a expansão da cafeicultura em meados do XIX que propiciou um novo surto de crescimento, acentuado pela construção de linhas férreas.

A conjunção dessas atividades fez com que a cidade de São Paulo ocupasse uma posição hegemônica, como o grande eixo de comercialização do mais importante produto de exportação brasileiro no período (2007, p. 21).

O “complexo cafeeiro”, noção apresentada por Paula Beiguelman (2005) e Luiz Augusto Maia Costa (2003), propiciou o desenvolvimento de diversas atividades econômicas, tanto artesanais quanto comerciais e industriais no espaço urbano de São Paulo, haja visto que a cultura do café “demandou uma série de ações, tanto da iniciativa privada (nacional e internacional) como da pública, que acarretaram transformação significativa na estruturação espacial do território paulista” (COSTA, 2003).

A ferrovia São Paulo Railway foi inaugurada em 1867 para unir o porto de Santos ao interior paulista, na cidade de Jundiaí, para servir de escoamento para a produção cafeeira do Oeste do Estado. Na década de 1880, entretanto, uma superprodução de café extrapolou os limites da capacidade da ferrovia, causando inúmeros atrasos no transporte dessa mercadoria até o porto. Por não haver instalações suficientes para o armazenamento, foi necessária a construção de novos armazéns, já no fim da década, em Santos e São Paulo.



Assim, se propagaram, na capital e no interior paulista, diversas empresas que se relacionavam diretamente com a produção do café, como os engenhos e as atividades de beneficiamento dos grãos e de outros cereais e outras indiretamente relacionadas como as de manutenção das estradas de ferro utilizadas para o transporte do produto, as oficinas de manutenção, como serralherias, fundições, forjarias, serrarias, a indústria têxtil para a produção de sacaria para o café e a indústria de abastecimento do consumo popular com a produção de alimentos, bebidas, vestuário e móveis (TRUZZI; NETO, 2014, p. 45-46).

Em virtude da expansão econômica foi também criada uma nova infraestrutura urbana para a cidade de São Paulo a partir da segunda metade do século XIX, que implicou também em novos modos de vida com a instalação de linhas de bonde, telefonia, iluminação pública e outras obras de “melhoramentos” (CAMPOS, 2005).

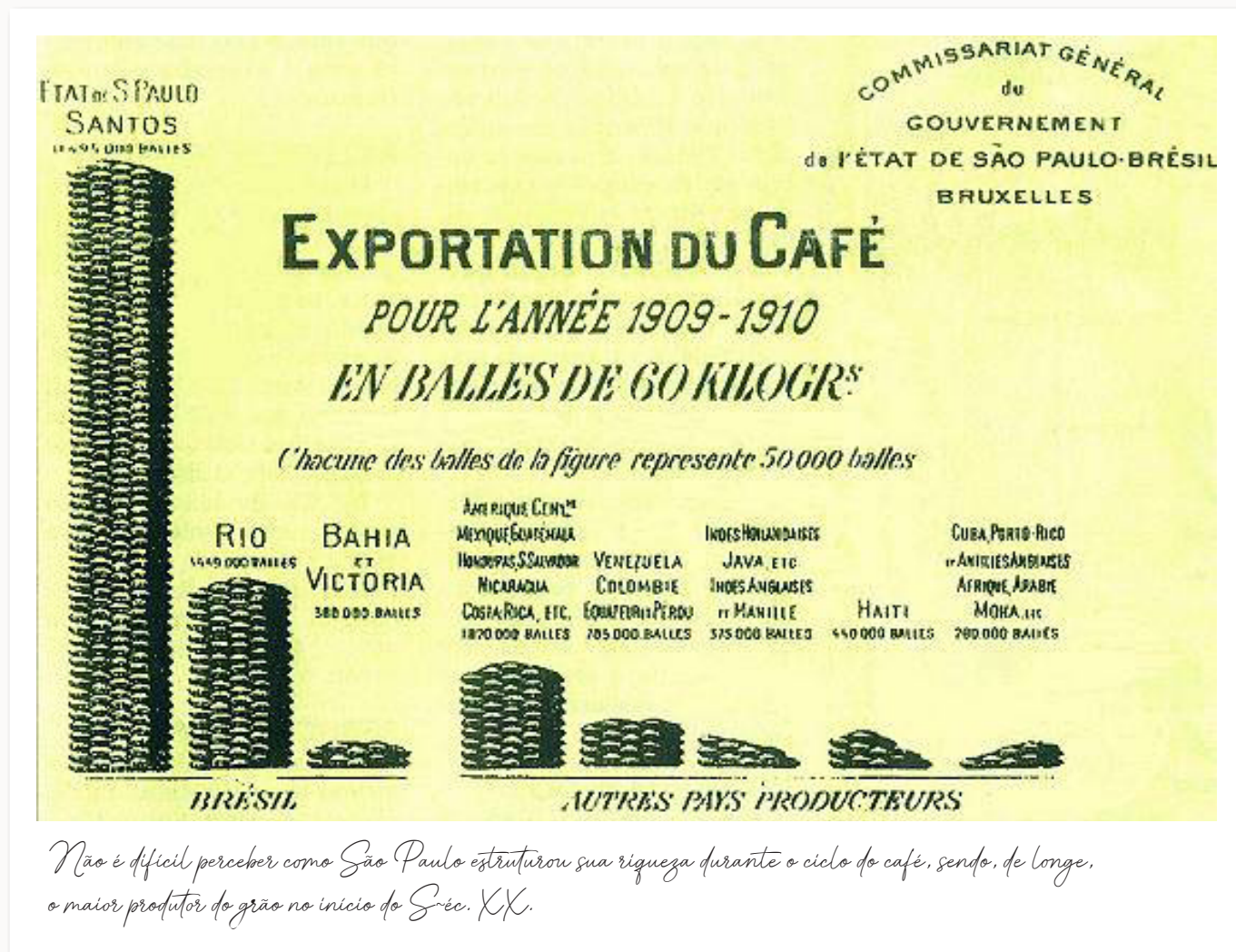
Sobre a noção de melhoramentos urbanos Maria Stella Bresciani destacou que são “projeções de intervenções e/ou obras realizáveis” de um “modelo ideal de cidade moderna” uma projeção de “cidade ideal” (BRESCIANI, 2018, p.351).

Contudo, dentro da economia cafeeira nem todos os interesses eram todos convergentes. Renato Perissinotto destaca que não existia uma classe homogênea como muitos estudos propõem. Portanto, ao analisar as dimensões políticas e ideológicas, o autor evidencia o embate entre os diferentes grupos vinculados direta ou indiretamente a esta atividade, expressas nas diversas associações de classe que

representavam interesses bastante distintos. Divididos em lavoura, que designaria os indivíduos ligados unicamente à produção de café, o grande proprietário rural; os comissários que exerciam funções mercantis-bancárias, o grande capital cafeeiro, que era heterogêneo e agia em outros setores para além da produção do café; e uma burguesia industrial, que apesar de ter vínculos com a economia cafeeira

não estava diretamente ligada a esta atividade (PERISSINOTTO, 1993).

Apesar da correlação existente entre a cafeicultura e a expansão da malha férrea, ambas não se constituíam como um mesmo empreendimento, pois, apesar dos dirigentes e dos empresários do setor de transporte terem mantido, ao mesmo tempo,



ligações com a produção cafeeira, a empresa ferroviária, enquanto uma sociedade anônima, precisava ser lucrativa e distribuir dividendos, além de possuir sua própria identidade, algo que se manifestou durante a crise cambial que transcorreu na maior parte da década de 1890 (SAES, 2002, p.183).

O papel que o café desempenhou na formação nacional também foi cantado em diversos carnavais. Em 1992, a escola Acadêmicos do Salgueiro desfilou o enredo “O negro que virou ouro nas terras do Salgueiro”, cantando:

*“História, beirando a poesia
Lenda, sonho e fantasia
Abissínia, Arábia
A natureza é tão sábia
Num quê de malícia
Trouxe essa delícia ao Pará
Dizem então (dizem então)
Que foi a terra, o sol, este luar
Que o fez se apaixonar
por esse chão
E se espalhar como um mar”*

Em 2000, a X-9 Paulistana entoou o samba- enredo “*Quem é você, Café?*”, e ecoou na avenida:

*“Testemunhei o seu destino
Neste teu chão divino
Da colônia à república
Eu sou o rei da exportação
Trilhando no seu coração
Eu vou de trem, eu vou
Não vai e vem, amor
Eu sou o tal, café!
Só não toma quem não quer”*

Presente na cultura popular, no imaginário carnavalesco, na produção historiográfica, no cotidiano dos lares, o café tem um papel de destaque dentro de nossa formação nacional como parte de um ciclo econômico em que ocorreram transformações relevantes no “mundo do trabalho”.

O dinamismo econômico que propiciou à São Paulo fez com que para essas regiões se dirigissem imigrantes que se instalaram em áreas rurais e os que vieram para a capital, como o caso do fundador da Casa da Boia.



No ano de 2000 a X-9 Paulistana entoou o samba- enredo Quem é você, Café?

Bibliografia

ALMEIDA, Renata Geraissati Castro de. Um artífice da urbanização paulistana: Rizkallah Jorge Tahan (1895 – 1949). São Paulo: Annablume, 2018.

BEIGUELMAN, Paula. Formação do Povo no Complexo Cafeeiro: aspectos Políticos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

BOTELHO, Adriano. A cidade como negócio: produção do espaço e acumulação do capital no município de São Paulo. Cadernos Metrópole 18 pp. 15-38 2º sem. 2007.

GITAHY, Maria Lucia Caira, 1994 apud COSTA, Luiz Augusto Maia. O ideário urbano paulista na virada do século – o engenheiro Theodoro Sampaio e as questões territoriais e urbanas modernas (1886-1903). 2003.

MILLIET, Sérgio. Roteiro do café e outros ensaios. São Paulo: Hucitec, 1982.

PERISSINOTTO, Renato Monseff. Classe dominante e política econômica na economia cafeeira (1906-1930). Perspectivas, São Paulo, 16: 165-189, 1993.

SAES, Flávio Azevedo Marques de. Estradas de ferro e diversificação da atividade econômica na expansão cafeeira em São Paulo, 1870-1900. IN: História Econômica da Independência e do Império. São Paulo: Hucitec, 2002. p.183.

TÉO, Marcelo. MURAI S À MÚSICA DE CÂNDIDO PORTINARI: DA PRIMEIRA MISSA À PRIMEIRA AULA DE MÚSICA. Anais do XV Encontro Estadual de História “1964-2014: Memórias, Testemunhos e Estado”, 11 a 14 de agosto de 2014, UFSC, Florianópolis.

TRUZZI, Oswaldo e NETO, Mario Sacomano. Redes, Migrações e Economia Étnica na Experiência Paulista. IN: Imigrantes Empreendedores na História do Brasil: estudos de casos. Porto Alegre: Edipurs, 2014, p. 45-46.

SOUSA, Diógenes Rodrigues de. Nas redes do Pari: os armazéns da São Paulo Railway no contexto urbanístico de São Paulo em fins do século XIX. 2022. Tese (Doutorado em História) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022

CASA DA
BOIA

METAIS E HIDRÁULICA
DESDE 1898

Diretor: Mario Rizkallah
fevereiro, 2023



*Colheita de café
Guilherme Gaensly. Sem data.*